



PARA ALÉM DA ESCOLA: TRABALHO E EDUCAÇÃO EM ALUNOS DO ENSINO BÁSICO

Manuel JACINTO SARMENTO

Raquel SILVA E SALETE COSTA

Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho

RESUMO

O trabalho das crianças não se esgota na realização das tarefas escolares. Para além da jornada escolar, as crianças contribuem activamente para os trabalhos domésticos e algumas delas desempenham actividades económicas, industriais e/ou agrícolas, a par da realização dos seus estudos.

Esta comunicação dá conta dos resultados de uma investigação feita numa área de artesanato tradicional e de industrialização recente nas áreas das cerâmicas e do têxtil, no Norte de Portugal. Foram entrevistadas 138 crianças do 1º ciclo do ensino básico (com predominância de idades entre os 6 e os 10 anos), tendo-se concluído que uma em cada duas crianças desempenha uma actividade económica, sobretudo no contexto doméstico, ao mesmo tempo que frequenta a escola.

Interrogar as relações entre as práticas de trabalho e a aprendizagem, as representações sobre as actividades sociais, as aspirações sociais e escolares e os modos de gestão dos quotidianos infantis integram-se no âmbito da investigação que se apresentam.

As crianças trabalham: esta simples constatação envolve uma reconceptualização do "ofício da criança" enquanto "ofício do aluno", permite interrogar a uma nova luz as culturas e identidades da infância e possui importantes implicações na construção das políticas educativas, das lógicas de acção educativa e das práticas pedagógicas.

EDUCAÇÃO E TRABALHO: OS DOIS OFÍCIOS DA CRIANÇA

A noção de que as crianças se distinguem dos adultos pelo facto de não trabalharem constitui um mito social, no qual se consoma uma parte da construção contemporânea da ideia da infância. A representação da infância como uma geração retirada da esfera da produção e do mundo do trabalho tem como contrapartida a sua colocação sob o cuidado exclusivo dos adultos, numa posição de dependência que é justificada por uma "falha social": criança não é já aquele que "não fala" (conteúdo presente na etimologia de "infante" – não falante), como acontecia na época pré-moder-

na, mas o que está dispensado do esforço da construção dos meios de subsistência e desenvolvimento pessoal e familiar.

Neste sentido, a criança não apenas é considerada como o ser social que não trabalha, mas também como o que obriga ao trabalho do adulto, no sentido de promover o seu crescimento. De algum modo, a escola da idade contemporânea repousa a sua razão de ser nesta mesma ideia: a criança “obriga” o Estado a criar um grupo de funcionários especializados disponíveis para a realização das tarefas de transformação dos mais pequenos em seres humanos produtivos e dotados dos saberes necessários à sua inserção plena na vida social, como cidadãos.

A natureza mítica da noção de que as crianças não trabalham só é possível através da operação de desqualificação da actividade escolar como trabalho. Esta desqualificação ocorre através de uma dupla operação: primeira, o estabelecimento de um corte entre a aprendizagem e a economia; segunda, a ocultação do carácter activo do processo de aquisição e construção do conhecimento.

No primeiro caso, a operação consiste em desligar a formação da mão-de-obra do processo de remuneração, sendo esta diferida. Assim, se o nível de qualificação intervém como variável (ainda que não exclusiva) no mercado de trabalho e na respectiva remuneração, o momento da sua formação é ocultado para este efeito; o médico, por exemplo, tem um vencimento superior ao do escriturário, em função da superior formação que possui, mas esta só é remunerada no desempenho efectivo da profissão. Se a existência de níveis elevados de formação de uma população é considerado geralmente como um importante indicador de desenvolvimento e um potencial de competitividade de um país, não é no entanto usualmente reconhecido o valor económico da formação inicial (paradoxalmente, já é reconhecido esse valor na formação contínua, por isso mesmo considerada como componente do trabalho profissional de quem a obtém). Porém, o valor económico da aprendizagem é susceptível de se tornar mais claro se considerarmos a formação como um investimento cuja rentabilização só ocorre no futuro – seja na perspectiva do indivíduo que a obtém, seja na perspectiva do colectivo (familiar ou nacional) em que se integra.

No segundo caso, a ocultação do carácter activo da aprendizagem é promovido pela organização pedagógica da escola tradicional, que estimula o trabalho dos professores e remete para a acumulação passiva pelos alunos dos saberes, skills e valores comunicados.

Não deixa, porém, de ser paradoxal considerar como diferentes correntes pedagógicas (e especialmente a Educação Nova de Dewey, Decroly, etc., e os seus diferentes herdeiros, como Freinet ou Rogers, por exemplo) assim como várias escolas psicológicas (especialmente o construtivismo de inspiração piagetiana) têm continuamente enfatizado ao longo dos tempos a ideia de que a aprendizagem é uma construção activa de competências, conhecimentos, atitudes e comportamentos realizada pelos alunos na interacção mútua e com os professores. Aliás, a linguagem comum denuncia as actividades educativas como trabalho, nomeadamente pela referência aos “trabalhos de casa”, às actividades como “trabalhos de grupo”, ou “avaliação do trabalho”, sem referir já expressões como “trabalhos laboratoriais”, “trabalhos oficinais” ou mesmo “lavors”.

Assim, a natureza activa, laboriosa, construtiva e realizada com esforço das tarefas escolares e educativas não permite – pelo contrário – distinguir, no que respeita à sua natureza, as actividades de aprendizagem do que usualmente se designa por “trabalho” (tanto mais que com a terciarização crescente da actividade económica e a disseminação universal da “forma escolar”, cada vez mais “trabalhos” se podem comparar com as actividades de aprendizagem em contexto escolar).

Deste modo, contrariamente ao que se sustenta no senso comum, **as crianças trabalham**, e a forma “normal” do seu trabalho nas sociedades contemporâneas é a realização das actividades de aprendizagem em contexto escolar.

Porém, as crianças não trabalham apenas na escola. As actividades quotidianas domésticas (arrumar a casa, tratar dos irmãos ou dos familiares mais velhos, preparar as refeições, etc.) constituem tarefas que, apesar de serem realizadas no círculo familiar, não deixam de constituir igualmente um trabalho, aliás progressivamente reconhecido para efeitos de inserção nos sistemas prestativos da Segurança Social, ocupando uma elevada percentagem de crianças de todas as idades (ainda que, como várias investigações têm demonstrado, seja desenvolvida de forma e com intensidade desiguais pelas crianças dos dois sexos, com sobrecarga das raparigas, cf. Ministério do Trabalho e da Solidariedade, 1998; Pinto, 1998; Sarmento, Bandeira e Dores, 2000). Além disso, as actividades de natureza económica directa contam também com uma parte das crianças como sujeitos activos. Estamos, neste último caso, perante aquilo que usualmente é chamado de “trabalho infantil”.

O trabalho infantil tem sido objecto de intensa teorização e de contínuo debate público.

Usualmente é apresentado como uma patologia social. O facto de se ter constituído um consenso social alargado em torno da priorização da frequência escolar pelas crianças e da recusa da exploração do trabalho de menores contribui decisivamente para isso. No entanto, importa referir de forma enfática que esta “patologia social” tem uma dimensão alargada em todo o mundo: mais de 300 milhões de crianças, segundo dados da UNICEF (2000) trabalham no mundo inteiro, e este número tem mesmo vindo a crescer por efeito da globalização económica, com a concomitante transferência de sectores da indústria manufactureira para países e regiões (algumas no interior do chamado “primeiro mundo”) que têm como principal factor de competitividade os baixos custos da mão-de-obra assalariada (na qual se incluem menores de 16 anos). Na verdade, o trabalho infantil é uma realidade social indesmentível e a exploração do trabalho das crianças, com prejuízo do seu desenvolvimento pessoal e social, um forte indicador do carácter desigualitário e desumano da sociedade contemporânea. Se se pode falar de patologia, é ao conjunto da estrutura social que a referência se ajusta, não porque as crianças trabalhem, mas porque se impede que alguns dos membros mais jovens possam realizar o trabalho de investir no seu futuro pessoal e colectivo, no momento propício à criação e consolidação dos respectivos conhecimentos e comportamentos, para, ao invés, esgotarem os seus dias na produção da mais-valia económica apropriável por outrém. É, pois, de exploração e desigualdade social que se fala quando se fala do “trabalho infantil”, neste sentido preciso.

Importa, no entanto, repetir que nem sempre o trabalho das crianças está associado à exploração. As crianças trabalham (desde logo na escola) e há uma importante dimensão formativa e de integração social em parte desse trabalho. Não é aqui questão de dilucidação das condições adequadas para a distinção entre trabalho aceitável e trabalho não aceitável desempenhado por crianças. Importa sublinhar, apenas, como princípio genérico, que é aceitável o trabalho que permite à criança garantir a autonomia do seu desenvolvimento físico, psicológico e social e que não contraria o usufruto de nenhum dos direitos da crianças, e inaceitável aquele que leva à extracção de uma parte do produto das crianças pelos adultos para uso exclusivo destes (cf., sobre isto, Sarmento, 2000).

Do mesmo modo, nem sempre o trabalho não escolar das crianças se contrapõe à frequência dos estabelecimentos de ensino. Com efeito, para além do trabalho da escola, há (muitas) crianças que

realizam actividades domésticas e (algumas) crianças que realizam actividades produtivas, ao mesmo tempo que estudam. Neste último caso, a existência de “dois ofícios” das crianças insere-se decisivamente na respectiva identidade social. Esta situação – que é aquela que motiva imediatamente a investigação de que esta comunicação dá conta – abre um vasto leque de questões no campo investigativo sobre as relações entre educação e trabalho.

Com efeito, a análise das relações entre estes dois termos tem sido colocada através da separação dos dois campos pela descoincidência da acção respectiva pelos mesmos actores. Esta descoincidência pode ser devida quer ao plano de análise, através da adopção de uma perspectiva macro-sociológica sobre as relações estruturais de dois campos distintos, quer ao diferimento temporal da inclusão estrutural nos dois campos pelos mesmos actores.

Podemos sinalizar como principais orientações e contributos nesta análise os seguintes:

- A escola articula-se com a esfera económica através da selecção e triagem de uma mão-de-obra assalariada, promovendo a reprodução da desigualdade social de origem, sob a forma da desigualdade de acesso a títulos escolares, com a consequente exclusão da escolaridade prolongada de um número elevado de crianças e jovens, assim atirados para o mercado de emprego, ou mesmo para o emprego precoce e clandestino, ou, ainda, para formas supletivas de formação “para o posto do trabalho” (ex: os clássicos Bowles e Gintis, 1976, com a Teoria da Correspondência, e Bourdieu e Passeron, 1970, com a Teoria da Reprodução);
- A relação da escola com a esfera produtiva tem como mediadores os alunos das classes populares, designadamente através da adopção de práticas culturais de ruptura com a instituição escolar e de valorização de atitudes, comportamentos e valores congruentes com o ingresso na condição salarial (ex: Willis, 1991; Stoer e Araújo, 1992);
- A sobredeterminação da economia sobre a educação explica a estruturação dual do sistema educativo, através da construção de duas fileiras de progresso escolar, que contrapõem o percurso “normal” escola secundária-Universidade, ao percurso escola básica-escola profissional ou formação profissional e/ou tecnológica. (ex. Beaudelot e Estabelet, 1971).

A análise da coincidência entre as esferas da educação e da economia, pelo exercício do duplo ofício da criança, articulando contributos das teorias precedentes e da análise sociológica das relações entre escola e trabalho, fá-lo num sentido que é, simultaneamente, de extensão das problemáticas, pela inclusão dos efeitos dessa relação nas práticas educativas e nas interacções em contexto escolar, e de aprofundamento dessa relação, por a considerar não apenas no plano macro-sociológico mas igualmente nas representações e nas atitudes dos actores sociais.

Em concreto, uma análise das relações entre educação e economia, considerando a acção da criança como trabalho, nas suas várias facetas e especificidades, implica conjugar no mesmo plano conceptual as seguintes vertentes de análise:

- A prática social das crianças como “ofício de criança” (Chamboredon e Prevot, 1982), isto é, como desempenho de um conjunto de tarefas e actividades prescritoras de um papel que se esclarece na sua especificidade (e na respectiva dureza de condições de exercício) com “ofício de aluno” (Perrenoud, 1995), mas que nele não se esgota, pluralizando-se num conjunto de actividades sociais que configuram os ofícios efectivamente desempenhados pelas crianças;

- A actividade de aprendizagem como um “trabalho” que se associa a outros trabalhos desempenhados pelas crianças, criando na heterogeneidade das suas manifestações a base de diversidade cultural em que assenta toda a acção educativa;
- A articulação das diversas actividades das crianças com todos os outros domínios da sua vida, nomeadamente com o sistema de interações sociais com os pais, com a família e com a comunidade de pertença, com o lazer e com os restantes tempos e espaços de pertença;
- As formas culturais, de inserção societal, comunitária e geracional (culturas infantis), em que assentam os elementos representacionais e os sistemas de crenças que “explicam” e “justificam” o trabalho das crianças e que permitem o estabelecimento dos gostos e sentimentos e das aspirações escolares e profissionais das crianças (Sarmento, Silva e Costa, no prelo).

Estas vertentes de análise e o respectivo quadro conceptual de suporte constituem a base fundamental do trabalho de investigação cujas características metodológicas e os resultados preliminares se apresentam de seguida.

NOTA METODOLÓGICA

A investigação de que resulta esta comunicação desenvolveu-se na zona geográfica de implantação das olarias e cerâmicas de Barcelos¹. No Vale do Cávado, na periferia desta cidade do norte litoral de Portugal, desenvolveu-se secularmente uma tradição artesanal de produtos em barro, aproveitando a natureza argilosa dos terrenos sedimentares da margem deste rio, de que o Galo de Barcelos é o exemplar mais conhecido e divulgado, mas que, para além do seu símbolo de exportação, se exprime em formas extraordinariamente criativas e singulares do imaginário popular, sobretudo sob a forma de “bonecos” ou figuras antropomórficas ou de animais.

Nesta região, o imaginário infantil e o imaginário popular são dificilmente discerníveis, o que não é de estranhar se considerarmos não apenas que as crianças crescem em contacto directo com as formas criadas nas olarias tradicionais, como também participam activamente nas actividades realizadas no contexto doméstico que lhes dão corpo.

A investigação assenta em entrevistas realizadas a uma amostra de 138 crianças a frequentar o 1º ciclo do ensino básico, com idades compreendidas entre os 6 e os 14 anos. A amostra das crianças é representativa da população escolar da área geográfica estudada e foi estratificada, considerando como variáveis a escola que frequentam, o ano de escolaridade, o sexo e a idade. As entrevistas foram realizadas pela equipa de investigação nas escolas que as crianças frequentam, em condições de sigilo e com garantia de anonimato. A natureza semi-estruturada da entrevista era garantida pelo tipo de guião adoptado e pela procura intencional da realização de uma “conversação amigável” como condição de expressão directa da voz das crianças. Todos os entrevistados foram autorizados pelos pais e foram obtidas as competentes autorizações das autoridades administrativas da educação, dos órgãos das escolas e dos professores para a sua realização.

¹ A Investigação intitula-se “*Netos de Artista: a Economia nas Relações Familiares nas Olarias e Cerâmicas de Barcelos (Um Estudo de Caso)*” é promovida pelo Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho e pela CNASTI e tem na equipa de investigação, além dos autores, ainda as investigadoras Natália Fernandes Soares e Ana Clara Anjos.

Desta amostra de 138 crianças, 54% (75) realiza actividades de natureza económica de natureza artesanal, industrial ou na área de serviços. Além disso, há ainda crianças que realizam, complementar ou separadamente, trabalhos agrícolas e outras tarefas de apoio familiar. No total, 90% (124) das crianças realiza actividades domésticas, para além das actividades escolares. A natureza, o ritmo, a intensidade e a duração das actividades realizadas varia consideravelmente.

Para se obterem resultados mais aprofundados sobre o real impacto do trabalho infantil nas aprendizagens escolares, estudaram-se intensivamente 30 crianças com excessiva carga de trabalho. Consideramos excessiva carga de trabalho aquela que condiciona o tempo disponível para estudar e para brincar. No decorrer das entrevistas encontramos 50 crianças nesta situação. Foi pedido aos(as) professores(as) o preenchimento de uma ficha caracterizadora do seu desempenho escolar; esta ficha estrutura-se em perguntas abertas onde os(as) professores(as) expõem livremente os seus comentários sobre o desempenho académico, a motivação e interesse para a aprendizagem, o esforço e o comportamento dos alunos referenciados. As 30 crianças estudadas correspondem às fichas efectivamente devolvidas pelos(as) professores(as). Todas estas crianças desenvolvem actividade económica nas áreas industrial, artesanal ou nos serviços.

Os dados que apresentaremos nesta comunicação reportam-se a estas 30 crianças com intenso trabalho económico complementar ao trabalho escolar. Em determinados pontos apresentaremos dados comparativos da totalidade da amostra.

PRÁTICAS DE TRABALHO DAS CRIANÇAS

O número de crianças que trabalham aumenta à medida que se progride na faixa etária, embora se tenha verificado que existem muitas crianças a trabalhar em idades reduzidas. O baixo número de crianças a trabalhar com 10 anos deve-se à amostra ser reduzida nesta idade pois os alunos, geralmente, já frequentam o 2º ciclo. Nesta amostra constatou-se que as raparigas trabalham tanto como os rapazes.

As actividades desempenhadas pelas crianças estão relacionadas com a profissão dos pais, existindo também alguns casos de ajuda a familiares.

Quadro 1 – Actividades que as crianças com intensa actividade económica realizam.

Trabalho doméstico em casa	24
Trabalho em olarias ou cerâmicas	11
Trabalho na indústria de malhas	8
Trabalho doméstico para familiares	5
Trabalho na construção civil	5
Trabalho em exploração agrícola	4
Tomar conta de irmãos	4
Ajudar num supermercado, talho ou numa cafeteria	4
Vender na Feira	2
Trabalho agrícola no quintal	2
Tomar conta de crianças	2
Trabalho em serralharia	2
Trabalho doméstico em casa de outrém	1

Nota: Todas as crianças realizam mais do que um tipo de trabalho, os dados são cumulativos.

Quase todas as crianças realizam trabalho doméstico (80%): umas realizam apenas pequenas tarefas, outras arrumam a casa toda e são “pequenas donas de casa”. Os rapazes realizam igualmente trabalho doméstico.

“Arrumo o quarto e o resto da casa (chão, pó, loiça, roupa [lava à mão] – quando estou cansada ponho a máquina a lavar e quando está a chover também).” A38, rapariga, 9 anos

“Ajudo a limpar a casa.” C126, rapaz, 7 anos

As crianças que trabalham no barro, fazem-no em casa ou numa das muitas fábricas da região pertencentes a familiares com quem mantêm relações próximas. Grande parte das crianças sabe amassar o barro, pintar, alisar e algumas delas até moldar. Para estas crianças o ajudar nestas actividades é normal e todos gostam de ajudar, embora algumas vezes refiram que preferiam estar a brincar, mas só o fazem quando não é necessária a sua ajuda. Estas crianças são muitas vezes privadas do tempo de brincadeira.

“Ponho um bocado de água e depois amasso para a minha mãe trabalhar, também faço peças – todos os dias.” A2, rapariga, 6 anos

“Ajudo a minha avó: dou-lhe loiça para ela pintar e pinto o que ela me manda e às vezes o que eu gosto e ela vende se ficar bem. Mas ela ajuda-me antes de eu pintar assim eu também vou aprendendo e fica melhor.” A21, rapaz, 8 anos

“À noite raspo fundos de bonecos e dou fundos com o meu irmão [12 anos].” B66, rapaz, 6 anos

“Às vezes [quando há loiça] fico a ajudar a minha madrinha até as 11 horas. Tiro os bocados das formas e ela começa a alisar.” B71, rapaz, 7 anos

“Ajudo a minha mãe a pintar.” “Pinto como a minha mãe manda. Pinto mais do que brinco.” “Quando ela me manda ir brincar um bocado eu vou.” B73, rapaz, 8 anos

As crianças cujos pais trabalham em malhas passam grande parte da tarde em casa a rematar, tirar linhas, pôr etiquetas, etc.. Nenhuma delas trabalha com máquinas, por ser perigoso – apenas fazem serviço com a tesoura.

“Às vezes ajudo a desbobrar camisolas [virá-las]. São do patrão da minha avó e a minha mãe também faz.” G58, rapaz, 10 anos.

“Ajudo a rematar, pego na tesoura e corto as linhas. Eu remato, a minha mãe dobra e vai pôr no lote.” A26, rapariga, 9 anos

Encontrámos nesta amostra uma criança que passa a tarde toda na fábrica de um familiar a trabalhar. Esta criança tem 7 anos e apenas brinca nos intervalos da fábrica com uma bola. Tem uma grande intensidade de trabalho e disse-nos que só ia para a fábrica porque era pequena e não tinha ninguém para ficar com ela, mas quando tivesse 8 anos a mãe ia deixá-la ficar em casa sozinha e isso era o que ela queria. Durante a nossa entrevista também constatámos que existiam outras crianças a trabalhar nessa fábrica.

“Como, vou para a fábrica da minha madrinha, ajudo a fazer obra – rematar, virar peças e separar peças. Das 13 às 18 horas. Vou para casa faço os deveres e brinco.” A6, rapariga, 7 anos

Quando foi perguntado a esta criança se não brincava na fábrica ela respondeu:

“Brinco durante os intervalos da fábrica. Com os meus primos e amigos. Todos trabalham na fabriqueta da minha madrinha.” A6, rapariga, 7 anos

Existem ainda crianças que vão para a feira com os pais, outras que trabalham em estabelecimentos comerciais e ainda crianças que trabalham na agricultura, construção civil ou em serralharias:

“Também ajudo na venda muito tempo. Quando acabar os deveres fico até à noite a encher prateleiras. Também atendo os clientes, a minha mãe ensinou-me desde pequenina. Quando a minha mãe não precisa ajudo a minha avó a limpar.” A14, rapariga, 8 anos

“Ajudo os meus pais com as cortinas. Eu vou com o meu pai para a feira de Custóias e o meu irmão [6 anos] vai com a minha mãe para Vilar Formoso.” A39, rapariga, 9 anos

“Faço os deveres, vejo televisão um bocado, ajudo o meu pai, brinco. Vou lavrar a terra com o tractor – vou a guiar, sulfatar – guio e o meu pai deita, semear as sementes, deito adubo nas plantas. Ajudo a minha mãe e a minha avó. Ajudo a lavar a roupa – meto na máquina com a minha mãe. Vou com a avó buscar farinha, comprar coisas. Ajudo a varrer o chão, fazer a cama, às vezes é a minha vez de lavar a loiça, limpar o chão e levantar a mesa – é à vez com a minha irmã”
“Também ajudo a tratar das vacas – dou-lhes silo, ajudo a minha mãe a dar as vacinas, o meu pai a tirar o leite.” *“Ajudo os meus vizinhos a lavar a roupa (cobertas) à mão.”* *“ [Com a sacho-la] Também rego, mudo os regos, tiro ervas.”* G57, rapaz, 8 anos

A maioria das crianças trabalha mais nas férias, já que é a época em que têm mais tempo livre para o fazer, pois os pais, normalmente, só recorrem ao trabalho dos filhos depois destes fazerem os deveres da escola.

“Ajudo mais durante as férias.” A28, rapariga, 8 anos

“Trabalho mais nas férias.” A32, rapaz, 9 anos

Existe ainda nesta amostra uma criança (E102) que tem actividade económica remunerada, referindo que anda de fábrica em fábrica com mãe ou com os irmãos (15 e 16 anos) para onde precisam dela.

“Nas férias, vou para o trabalho da minha mãe e vou lá ajudá-la. Buscar vasos, trago o barro para a amassadeira, tiro-o da amassadeira.” *“Também ajudo o meu irmão: ando de fábrica em fábrica.”* *“Eu dou as notas à minha mãe para ela guardar e meto as moedas no mealheiro.”* E102, rapaz, 7 anos

DESEMPENHO ESCOLAR

Para estudarmos a relação das crianças com intensa actividade económica e os resultados escolares, colhemos a opinião dos(as) respectivos(as) professores(as) –tal como dissemos – em fichas abertas por eles(as) preenchidas. A codificação das respostas permite-nos estabelecer as categorias

de “excelentes”, “bons”, “médios” e “alunos abaixo da média”, de acordo com a classificação (e a linguagem) estabelecida pelos respondentes.

Embora não exista uma percentagem muito elevada de “excelentes alunos” (13% - 4 crianças) considerámos que este número é significativo já que nos estamos a referir a crianças que têm grande intensidade de trabalho. Nesta categoria inclui-se a criança que passa a tarde na fábrica da madrinha a trabalhar (A6) fazendo só os deveres quando chega a casa. A professora refere-se a esta como uma aluna excelente estando a um nível superior ao dos colegas da turma:

“Faz sempre o trabalho de casa e muito bem apresentados. Não tem qualquer dificuldade, gosta de fazer mais do que eu marco e faz coisas mais desenvolvidas que os outros “Os resultados são excelentes.” Informação do professor referente à aluna A6, rapariga, 7 anos

A maioria das crianças insere-se na categoria de “bons alunos” (60% - 19 crianças). Os professores referem que são alunos com bons resultados escolares e que aprendem com facilidade.

“É um aluno que revela um óptimo cálculo mental, criatividade e uma certa facilidade na aquisição e aplicação de conhecimentos.” Informação do professor referente ao aluno A41, rapaz, 9 anos

Existem ainda neste grupo 3 crianças que são considerados bons alunos mas não realizam sempre o trabalho de casa, embora compensem esta falha com o trabalho na escola.

“Vem para a escola, normalmente sem fazer os deveres. Gosta de vir à escola. Sabe que é importante para o seu futuro e participa activamente nas diversas actividades propostas. Por vezes sente-se deprimida por não conseguir fazer com êxito certos exercícios.” Informação do professor referente à aluna A39, rapariga, 9 anos

Podemos inferir que isto acontece por falta de tempo, devendo por isso os(as) professores(as) dispensar estas crianças deste trabalho. O trabalho de casa não faz sentido para crianças trabalhadoras, já que não têm tempo para o fazer. Em conversa com os professores conseguimos averiguar que estes não tinham a consciência do trabalho que estas crianças realizam, já que nos disseram que na escola não existiam casos de trabalho infantil.

Neste grupo encontra-se também um aluno que tem uma retenção, mas que neste momento apresenta bons resultados escolares.

Os alunos médios são em número reduzido, apenas 2. Não é possível comprovar que são prejudicados pelo trabalho que realizam e que poderiam ser melhores alunos.

Existem 5 alunos que apresentam resultados abaixo da média. Destes, 4 já tiveram uma retenção e continuam a apresentar dificuldades:

“É um aluno com muitas dificuldades de concentração, é vagaroso e raramente acaba os trabalhos em tempo adequado. É um aluno com dificuldades na aprendizagem.” Informação do professor referente ao aluno G58, rapaz, 10 anos

“Os resultados são pouco satisfatórios. Como tem pouco poder de memorização não relaciona as aprendizagens.” Informação do professor referente à aluna A26, rapariga, 9 anos

Relativamente à motivação e interesse pelas aprendizagens, verificamos que, na opinião dos(as) professores(as), a maioria dos alunos está motivada para a aprendizagem e revela muito interesse (83% - 25 crianças). Podemos assim constatar que o trabalho que estas crianças realizam não prejudica a sua motivação para aprender e o seu interesse pelas actividades escolares.

“Está motivada e gosta de aprender.” *”Realiza com interesse todas as actividades.”*
Informação do professor referente à aluna A26, rapariga, 9 anos

“Está bastante motivado para as aprendizagens.” *“Sempre se mostrou interessado e motivado.”* Informação do professor referente ao aluno B65, 6 anos

Apenas encontramos uma criança cuja motivação para as aprendizagens se altera ao longo do ano. Esta criança trabalha intensivamente na exploração agrícola dos pais. Na altura de mais trabalho (colheitas) não brinca e é provável que o cansaço interfira na sua motivação. É considerado um bom aluno.

“Está motivado para a aprendizagem, mas durante o ano lectivo esta motivação vai sendo alterada, por vezes atinge picos quer para mais quer para menos.” Informação do professor referente ao aluno G57, rapaz, 8 anos

Existem 2 crianças que revelam apenas *alguma motivação* para as aprendizagens, tendo uma destas crianças uma retenção.

Os alunos que demonstram *algum interesse* pelas aprendizagens são 5. Neste grupo estão os 2 alunos que apresentam pouca motivação, mas demonstram algum interesse pelas actividades.

Os alunos que têm *pouca motivação* são 3. Destes, 2 apresentam uma retenção e são considerados alunos abaixo da média, e um aluno é considerado médio. Os resultados escolares deste aluno são referidos pelo professor como condicionado pela sua maneira de ser.

Podemos concluir que a falta de motivação e interesse se deve ao facto destes alunos terem fracos resultados escolares ficando assim desmotivados para a escola.

Relativamente à realização dos trabalhos escolares em casa, verificámos que a maioria dos alunos o realiza sempre (80% - 24 crianças). Como já referimos, os pais normalmente só recorrem ao trabalho dos filhos depois de estes cumprirem as obrigações escolares, existindo mesmo pais que ajudam os filhos na sua realização.

“Faz sempre e com boa qualidade os trabalhos de casa. Tem o apoio da mãe e do pai.”
Informação do professor referente ao aluno B64, rapaz, 7 anos

Estas crianças são incentivadas pelos pais para se empenharem na escola, talvez porque vêm nesta a única forma dos seus filhos terem um futuro melhor que o seu.

“É motivada e incentivada pelos familiares, para cumprir as obrigações escolares.” Informação do professor referente à aluna C135, rapariga, 10 anos

Algumas crianças, porém, só realizam o trabalho de casa às vezes ou raramente (20%, 6 crianças). Na sala de aula, no entanto – e ainda de acordo com os depoimentos dos(as) professores(as) – são muito participativas e compensam esta falha.

“*Nem sempre realiza os trabalhos escolares todos [em casa]. É um aluno bastante motivado e atento aos temas desenvolvidos na sala. Sempre que pode e tem traz material relacionado com os temas em estudo e envolve-se em debates.*” Informação do professor referente ao aluno G56, rapaz, 9 anos

Quase todas as crianças revelam muito esforço individual (80%): são alunos que têm um bom ritmo de trabalho, não mostram desagrado por nenhuma tarefa e empenham-se muito nas actividades, como podemos ver nos seguintes depoimentos:

“*É uma aluna empenhada. Não mostra desagrado por qualquer tarefa.*” Informação do professor referente à aluna G52, rapariga, 6 anos

“*É uma aluna interessada que gosta sempre de estar ocupada.*” Informação do professor referente à aluna A28, rapariga, 8 anos

“*Trabalhador e atento.*” Informação do professor referente ao aluno A21, rapaz, 8 anos

“*Mostra muito interesse em todas as actividades e raramente mostra cansaço.*” Informação do professor referente ao aluno B66, rapaz, 7 anos

Isto talvez se deva ao facto de serem alunos que já possuem hábitos e ritmos de trabalho devido às tarefas que costumam desempenhar.

Os alunos que revelam *algum esforço individual* são 5 (17%), tendo 4 destes uma retenção e sendo considerados alunos abaixo da média, e 1 aluno sendo referido como condicionado pela sua maneira de ser.

O único aluno (3%) que revela *pouco esforço individual* também apresenta uma retenção. Parece desmotivado para a escola. Não foram apresentados mais dados.

Podemos assim concluir que o facto destas crianças trabalharem não afecta o seu esforço individual, mas sim a desmotivação para a escola - são as crianças que apresentam retenções que revelam menos esforço.

Relativamente à apreciação do comportamento dentro da sala de aula, os(as) professores(as) consideram que os alunos apresentam na sua maioria um *comportamento sempre adequado* (83% - 25 crianças):

“*É uma criança comunicativa, educada, amiga e prestável.*” Informação do professor referente à aluna A1, rapariga, 7 anos

Existem apenas 3 alunos que *não têm sempre comportamento adequado*: 1 destes alunos é agressivo com os colegas; os outros 2 distraem-se com facilidade e perturbam a aula (estes apresentam retenções e são considerados alunos abaixo da média).

O único aluno que apresenta um *comportamento pouco adequado*, por “*levar a escola como uma brincadeira*” - A32, também é considerado um aluno abaixo da média e apresenta uma retenção.

O facto destes alunos apresentarem retenções talvez os leve a desmotivarem-se pela escola, logo, a ter comportamentos desviantes por esta não corresponder às suas expectativas.

De um modo geral, os alunos adaptaram-se bem à escola (25 crianças – 83%). As crianças que tiveram algumas dificuldades nessa adaptação são 4 (13%) e já as conseguiram superar. Apenas uma criança ainda não superou as dificuldades encontradas.

Destas últimas 5 crianças nenhuma apresenta retenções nem fracos resultados escolares.

Isto talvez se deva ao facto de os alunos se adaptarem bem aos professores e aos colegas, mas não ao currículo escolar, que não se adequa às suas necessidades, considerando a sua uniformidade.

“Está perfeitamente adaptado à escola. Relaciona-se bem com os professores e os colegas. No recreio é muito activo.” Informação do professor referente ao aluno A32, rapaz, 9 anos (apresenta uma retenção).

Concluindo, o facto de todas estas crianças apresentarem uma grande intensidade de trabalho não faz com que o seu rendimento escolar seja prejudicado, pelo contrário estas crianças trazem hábitos de trabalho, que são os que a escola também valoriza, e são assim bons alunos.

Apesar disto existem 5 crianças, nesta amostra, que apresentam retenções e 4 destas são considerados alunos abaixo da média. Não podemos confirmar que isto se deva ao trabalho que realizam já que a maioria das crianças trabalhadoras são bons alunos. Estas retenções talvez se devam ao choque entre a sua cultura e a cultura escolar, já que a escola não adapta o seu currículo a estes alunos, que enfrentam, assim, o insucesso. A prová-lo estão os depoimentos dos professores que, de uma maneira geral por todo o agrupamento, nos disseram, em conversas informais, que naquela zona não existia trabalho infantil. São também estas crianças que apresentam menos interesse e motivação pelas aprendizagens e um comportamento, por vezes, desadequado. As retenções parecem levar a que as crianças sintam menos gosto pela escola.

Podemos, pois, constatar que a ideia de que o trabalho infantil influencia de modo determinista o desempenho escolar é errada. Estas crianças são, na sua maioria, bons alunos (60%) ou até excelentes (13%) e estão muito motivados para a escola (83%).

ASPIRAÇÕES ESCOLARES E SOCIAIS

A maior parte destas crianças tem aspirações escolares e/ou sociais médias. No entanto há crianças que apresentam baixas expectativas.

Quadro 2 - Aspirações escolares

<i>Aspirações Escolares</i>	Crianças com elevada actividade económica		Restantes crianças	
	Número	Percentagem	Número	Percentagem
Não sabe	1	3%	4	4%
Ensino obrigatório	15	50%	29	27%
Ensino secundário	2	7%	13	12%
Ensino Profissional	2	7%	0	0%
Universidade	10	33%	62	57%
Total	30	100%	108	100%

Existe um pequeno número de crianças que apenas quer completar o ensino obrigatório e ingressar numa profissão (7%). As suas aspirações profissionais são baixas, pretendendo estas crianças empregos assalariados. Não podemos afirmar que isto se deva ao facto de estas crianças trabalharem muito, já que existem outras que também o fazem e têm aspirações sociais elevadas. Estas crianças parecem adquirir, pela experiência do trabalho, a consciência do efeito de destino que está associada a uma profissão assalariada.

“Quero estudar até ao 9º ano e ir trabalhar em malhas.” A36, rapariga, 9 anos

“Quero estudar até ao 9º ano e pôr papel nos quartos e pintá-lo.” A41, rapaz, 9 anos

Existe um número de crianças considerável com aspirações sociais médias (30%). Incluímos nesta categoria, as crianças que desejam apenas completar o ensino obrigatório e ser cabeleireiras, polícias, bombeiros ou mecânicos. Consideramos que estas crianças não estão limitadas nas suas aspirações mas gostam realmente destas profissões.

“Quero estudar até Manhente [9º ano].” *Quero ser cabeleireira.”* G54, rapariga, 9 anos

“Quero estudar até ao 10º ano.” *Quero ser bombeiro.”* B73, rapaz, 8 anos

“Quero estudar até aos 15 anos.” *“Quero ser polícia.”* B66, rapaz, 6 anos

Existem duas crianças (7%) que, embora tenham aspirações escolares e sociais médias, põem como alternativa profissões com aspirações baixas. Estas crianças sabem que se não conseguirem as profissões que pretendem podem sempre trabalhar no que já sabem fazer, nestes casos barro e construção civil.

“Bombeiro ou então trolha.” G58, rapaz, 10 anos – Faz trabalho de construção civil.

“Árbitro de futebol, se não puder ser árbitro quero ser polícia, se não puder ser polícia vou trabalhar para o Sr. C. no barro.” E102, rapaz, 7 anos – Trabalha em fábricas de barro.

Um número significativo de crianças deseja ir para a universidade e ter uma profissão com aspirações profissionais elevadas (33%). A profissão mais referida é a de professor. Isto talvez aconteça por ser a profissão, de aspirações sociais elevadas, que as crianças têm como referência por estarem em contacto diário com ela.

“Quero estudar muito.” *“Quero ser professor de ginástica.”* B64, rapaz, 7 anos

“Eu gostava de continuar sempre, não sei bem até quando.” *“Quero ser professora de Inglês.”* A14, rapariga, 8 anos

Também neste grupo se encontram crianças com aspirações diferentes relativamente ao seu futuro académico e profissional (20%):

“Quando tiver 16 anos saio.” *“Quero ser advogada.”* A2, rapariga, 6 anos

“Manhente [9º ano] e depois mais até ser grande.” *“Quero trabalhar em louça, pintar como os meus pais.”* B65, rapaz, 6 anos

Existe apenas um rapaz (A33) cuja vontade está condicionada pela vontade dos pais. Ele gostava muito de ser veterinário e ir para a universidade, mas sabe que vai estudar até ao 9º ano e sair para trabalhar na loja dos pais, já que é o filho mais velho, e estes pretendem que fique na loja enquanto eles trabalham na fábrica.

“9º ano. A minha mãe quer que eu vá trabalhar para a loja deles.” “Queria ser veterinário, mas os meus pais não querem.” A33, rapaz, 8 anos

Cruzando os dados referentes às aspirações das crianças com actividade económica com as crianças do total da amostra averiguámos que:

- 50% das crianças com actividade económica desejam apenas completar o ensino obrigatório em contraposição com 27% da restante amostra;
- 7% das crianças com actividade económica desejam completar o ensino secundário em contraposição com 12% da restante amostra;
- 33% das crianças com actividade económica desejam ingressar no ensino superior em contraposição com 57% da restante amostra;
- 7% das crianças com actividade económica desejam tirar um curso profissional em contraposição com 0% da restante amostra.

Parece ser possível concluir que existe uma maior predisposição, das crianças com actividade económica, pelo abandono mais precoce da escola e ingresso no mundo do trabalho.

PREFERÊNCIA ESCOLA - TRABALHO

A maioria das crianças prefere a escola ao trabalho (73%). Existe ainda um número significativo que refere ter igual preferência por ambos, tal como mostra o quadro:

Quadro 3 -Preferência escola/trabalho

<i>Preferência escola/trabalho</i>	Crianças com elevada actividade económica		Restantes crianças	
	Número	Percentagem	Número	Percentagem
Escola	22	73%	72	67%
Trabalho	2	7%	13	12%
Ambas	6	20%	28	20%
Não sabe	1	1%	0	0%
Total	108	100%	30	100%

A maioria das crianças com actividade económica prefere a escola ao trabalho (73%), talvez porque sabem que a escola é muito importante para o seu futuro e, por isso, não a querem abandonar:

“Estudar porque gosto muito, porque se eu deixar a escola um dia vou-me arrepender. Gosto da escola e quando for trabalhar gostava de continuar mais.” A14 rapariga, 8 anos

“Estudar porque os meus pais dizem: se não quiseres estudar, vais trabalhar e eu quero estudar senão vou trabalhar.” C135, rapariga, 10 anos

Outras crianças gostam mais da escola pelo facto de esta cansar menos que as actividades que desempenham fora dela: vêm-na, pois, como a forma de fugirem à rotina que seguem. A escola também é vista como o local onde se aprendem muitas coisas, isto talvez se deva ao facto de o trabalho que estas crianças desempenham ser rotineiro e indiferenciado.

“Estudar porque trabalhar é muito duro, porque com a sachola é muito duro. Se fosse era só para andar no tractor porque senão não gosto.” G57, rapaz, 8 anos

“Estudar porque aprendo mais coisas do que a trabalhar e cansa menos.” A33, rapaz, 8 anos

“A estudar, trabalhar é pior porque fico muito cansado.” B65, rapaz, 6 anos

“Estudar porque gosto de aprender coisas.” A6, rapariga, 7 anos

Apenas duas crianças preferem o trabalho à escola. Estas crianças gostam do trabalho que desempenham e sentem-se bem por realizá-lo, talvez porque se sintam úteis por ajudar a família e poder contribuir para uma melhoria da qualidade de vida.

“A trabalhar porque eu gosto, acho que é bom trabalhar.” B79, rapariga, 10 anos

Esta menina está no café a ajudar a mãe desde a hora de almoço até às 23 horas ou 3 horas da manhã, depende da hora do fecho.

“A trabalhar porque eu gosto” B66, rapaz, 6 anos

Este menino trabalha todas as noites com o irmão a raspar fundos e dar fundos nos bonecos de barro.

Algumas crianças referiram que têm igual preferência pelo trabalho e pela escola. Isto talvez se deva ao facto de gostarem de ajudar os pais e/ou receberem contrapartidas económicas:

“Das duas coisas. Gosto de estudar e de fazer barro para a minha mãe fazer flores.” A2, rapariga, 6 anos

“Das duas coisas porque a estudar posso aprender mais e a trabalhar posso ganhar dinheiro.” A26, rapariga, 9 anos

Quando cruzamos os dados destas crianças com os dados das restantes crianças entrevistadas averiguámos que:

- as crianças com actividade económica têm maior preferência pela escola (73%) que as restantes crianças (67%);

- as crianças com actividade económica demonstram menor preferência pelo trabalho (7%) que as restantes crianças (12%);
- os dois grupos têm igual preferência por ambos (20%).

Estes resultados talvez se possam explicar pela exigência que se faz às crianças relativamente às actividades que desempenham: aquelas que têm maior obrigatoriedade de trabalho extra-escolar sentem-no como muito pesado e preferem a escola onde não as obrigam tanto; as crianças com cargas mais leves de trabalho podem sentir maior constrangimento na escola do que nas tarefas que realizam esporadicamente.

CONCLUSÃO

A análise dos dados recolhidos nas entrevistas às crianças e às fichas preenchidas pelos(as) professores(as) permite-nos concluir que não é o desempenho de actividades económicas pelas crianças o principal preditor do sucesso ou insucesso escolar dos alunos, pelo menos no nível básico inicial. É noutras variáveis, designadamente as que se articulam com a forma como a escola lida com as diferentes educogenias familiares e com a diversidade cultural, que se podem encontrar esses factores. Aliás, a existência de um número considerável de crianças com desempenho académico considerado como bom ou muito bom pelos(as) professores(as) pode muito bem querer significar que o desempenho de actividades económicas pelas crianças nos seus “tempos livres” intervém de forma convergente na criação das atitudes escolares esperadas para o sucesso na escola tradicional. Essas atitudes são a do esforço continuado, a da concentração, a da disciplina e a da obediência. O facto de todos os outros dados, relativos a motivação, disponibilidade para o trabalho e cumprimento das tarefas, apontarem no mesmo sentido pode querer significar que o trabalho dependente, dentro e fora da escola, converge na construção do desempenho social das crianças em função das expectativas formuladas, em geral, pelos adultos.

O facto das crianças revelarem, na sua maioria, o gosto pelas actividades que realizam, por seu turno, corresponde não apenas à aceitabilidade social de que desfrutam em consequência do seu desempenho (aspecto muito vincado nos respectivos depoimentos) mas também do facto do trabalho produtivo ser uma extensão do círculo familiar de pertença e das actividades se inscreverem no quotidiano das crianças: gostar delas é gostar de viver em conjunto, é gostar da vida, em suma, e esse gosto é um dos mais impressionantes elementos distintivos das culturas da infância, que lhe permite resistir às condições mais adversas.

Porém, mais significativo do que isso, é o facto das crianças com elevados ritmos de trabalho exprimirem expectativas profissionais e escolares mais baixas do que as restantes crianças. O “trabalho educa” – esta expressão popular parece que tem um duplo significado: “educa” a corresponder às expectativas dos adultos, dentro e fora da escola e “educa” à conformidade social com a condição salarial. Com efeito, as crianças aprendem precocemente a aspirar ingressar no mercado do trabalho pelas posições mais baixas, menos qualificadas, com menor status e com menor protecção legal e social.

Ora, esta conformidade, onde se exprime a reprodução social, não pode deixar de interpelar a escola democrática, colocando-lhe como questão crucial a confrontação das crianças com o trabalho, no sentido de poder contribuir para uma relação desalienada, crítica e autónoma com a esfe-

ra produtiva. A escola tem historicamente sabido bem contribuir para a reprodução social; promover uma consciência crítica, que é simultaneamente uma orientação transformadora perante a relação dos seus alunos com a produção, é um desafio que a análise do duplo ofício da criança torna pedagógica e socialmente incontornável.

REFERÊNCIAS

- BEAUDELOT, Christian e ESTABELET, Roger (1971). *L'Ecole Capitaliste en France*. Paris. Maspero.
- BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude (1970). *La Reproduction. Elements pour une Theorie du Système d'Enseignement*. Paris. Minuit.
- BOWLES, Samuel e GINTIS, Herbert C. (1976). *Schooling in Capitalist America*. London. Routledge and Kegan Paul.
- CHAMBOREDON, J.C. e PRÉVOT, J. (1982). O Ofício de Criança. in S. Grácio e S. Stoer. *Sociologia da Educação II. Antologia. A Construção Social das Práticas Educativas*. (51-77). Lisboa. Livros Horizonte.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO E DA SOLIDARIEDADE (1998). *Inquérito à Caracterização Social dos Agregados Familiares com menores em Idade Escolar (Trabalho Infantil)*. Lisboa. MTS/DETEFP (Relatório fotocopiado).
- MYERS, William E. (1999). Considering child labour. Changing terms, issues and actors at international level. *Childhood*, 5 (1): 13-26.
- PERRENOUD, Philippe (1995). *Ofício do Aluno e Sentido do Trabalho Escolar*. Porto. Porto Editora.
- PINTO, Graça Alves (1998). *Trabalho Infantil no Meio Rural. De pequenino é que se torce o pepino (e o destino)*. Oeiras. Celta Editora.
- SARMENTO, Manuel Jacinto (2000). "Os Ofícios da Criança". In Vários, *Os Mundos Sociais e Culturais da Infância* (125-145). Braga. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho
- SARMENTO, Manuel Jacinto; BANDEIRA, Alexandra e DORES, Raquel (2000). *Trabalho Infantil Domiciliário. Um estudo de caso no Vale do Ave*. Lisboa. PEETI.
- SARMENTO, Manuel Jacinto; SILVA, Raquel e COSTA, Salette (no prelo). *As Penas do Galo de Barcelos: Infância, Trabalho e Lazer no Vale do Cávado*. Arquivos da Memória. Nº 5.
- STOER, Stephen R. e ARAÚJO, Helena Costa (1992). *Escola e Aprendizagem para o Trabalho num País da (Semi)Periferia Europeia*. Lisboa. Escher.
- UNICEF (2000). *Situação Mundial da Infância*. Brasília. Unicef.
- WILLIS, Paul (1991). *Aprendendo a ser Trabalhador. Escola, Resistência e Reprodução Social*. Porto Alegre. Artes Médicas. (Trad. port.; ed. orig.:1977).